



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

A DOENÇA da CADELINHA

Por LEONOR DE CAMPOS
Desenhos de ARCINDO

—Ai, senhora mãe, que me sinto doentinha!...

—Mas que tens, filhinha querida? — Não sei bem!... Ai!... Não sei bem!... Dói-me aqui, no meu lombinho!...

—Pobre da minha filhinha!... Que será? Mas que será? Será dor de reumatismo? Ou espinhela caída?

E a senhora cadela, muito aflita, nesse mesmo dia, por conselho dum seu tio, foi com a filha consultar o dr. Urso, sapiente e pachorrento.

Doutor Urso, auscultou-a, palpou-lhe o pulso, viu-lhe a língua e diagnosticou:

É um caso de importância, esta dor da cadelinha!... A doença de que sofre é nervosismo na espinha...

Receitou meia dúzia de remédios, levou-lhe um dinheirão pela consulta e recomendou que voltasse, se a cliente se não sentisse melhor.

Dias depois, tornava a cadelinha a queixar-se:

—Ai, senhora mãe, que a dor não abrandou!...

Estava lá em casa, na ocasião, uma irmã da senhora Cadela, que disse:

—Pudera!... Pois vocês foram consultar um médico ignorante e parlapatão!... Se tivessem ido ao dr. Galo... outro galo lhes cantaria!...

E lá vão, mãe e filha, consultar o dr. Galo.

Este, pimpão, todo senhor da sua crista, auscultou a doente, contou-lhe as pulsações, mirou-lhe a língua e diagnosticou:

Esta dor da cadelinha é caso muito bicudo!...

A doença de que sofre é o reumatismo agudo!...

Receitou uma dúzia de medicamentos e, depois de bem pago, recomendou que voltasse, se não tivesse alívios.

Mas, passados dias, de novo se lamentava a cadelinha:

Ai, senhora mãe, que me sinto a piorar!...

Ouviu-a uma vizinha, que recomendou:

—Vai consultar a doutora Córça. Verás como te curará!...

A senhora Cadela e a menina Ca-

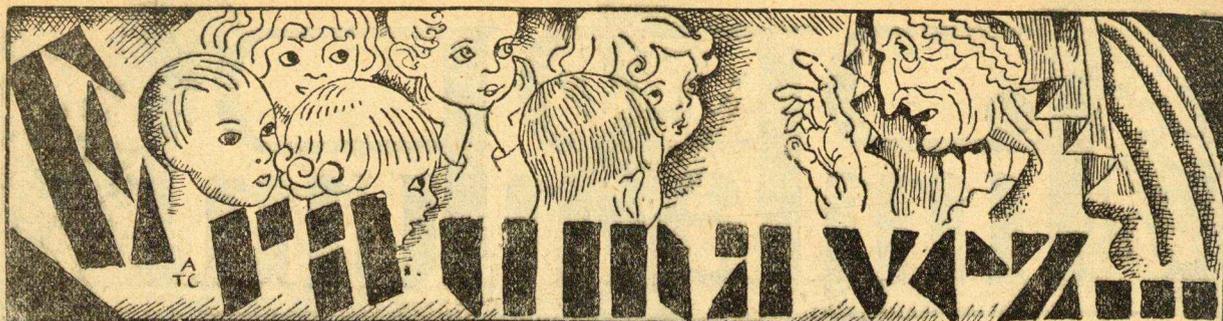
delinha foram logo consultar a doutora Córça.

Depois de a auscultar e de lhe palpar a barriguinha, a médica, em voz grave e pausada, ordenou à Cadelinha que deitasse a língua de fora. E, mal a viu, exclamou:

Este seu estado tem gravidade, e não é pouca: Tem a língua tão comprida que mal lhe cabe na boca!...

(Continua na página 8)





CARTA para o CEU

Por MANUEL FERREIRA
Desenhos de A. CASTAÑÉ

Era uma vez um menino muito lindo. Tinha cinco ancs, uns caracóis loiros, como raios de sol, e olhos azuis como as águas do mar.

Chamava-se Raul e vivia só. Seus pais tinham partido, havia muito, para o céu, para nunca mais voltarem. Vivía de esmolas que lhe davam algumas almas caridosas e abrigava-se num vão de escada.

Os seus brinquedos eram as estrélas do céu, que éle fitava, de noite, sem cessar, por uma janelinha do cubiculo onde se acolhia, ou a lua, que parecia um balão muito grande. Não conhecia outros «bonitos», o pöbrezinho de Cristo.

Aproximava-se o Natal. E Raulinho, ao saber que o Menino Jesus trazia lembranças às crianças, perguntou a um pequeno que passava, ajujado as peso de brinquedos:

— «Onde mora Jesus? Queria fazer-lhe um pedido...»

— «No céu.» — respondeu o menino rico, que seguiu, indiferente, o seu caminho.

Raulinho tomou uma resolução. Pediu ao João, filho da porteira da escada onde dormia, que lhe escrevesse uma carta para o céu. E o Joãozinho, ingenuamente, assim fez.

No dia seguinte, no Correio, um funcionário viu uma carta com o seguinte endereço:

— «Ao Menino Jesus. Para o céu.»



Riu-se e abriu-a, cheio de curiosidade. Uma letra de criança dizia:

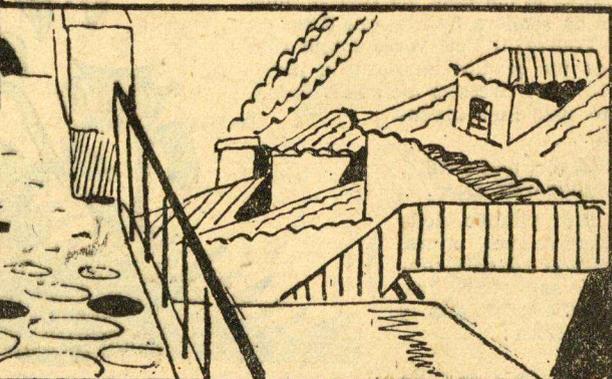
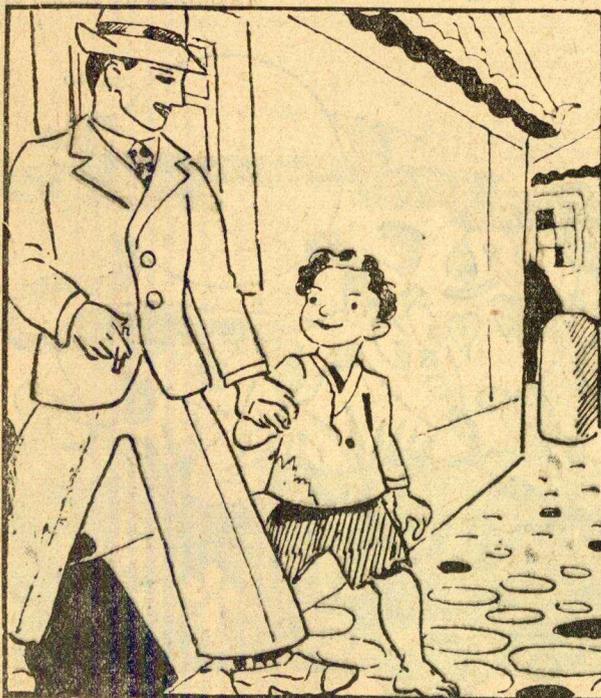
«Meu Menino Jesus. Peço-te, primeiro que tudo, que des beijinhos aos meus papás, que estão aí, há tanto tempo. Desde que eles foram para o céu, tenho andado desprezadinho, à chuva, ao frio, às esmolas.

Queria um brinquedo que fôsse bonito, meu Jesus. Bem sabes que não tenho chaminé, nem sapatinhos. Mas, mesmo assim, tenho fé em que tu não te esquecerás do Raulinho. Moro num vão de escada do número 28 da Rua X, em Lisboa.

Muitos beijinhos do Raul.»

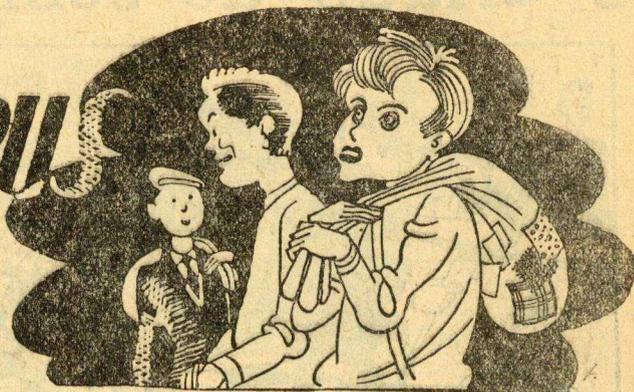
No dia seguinte, apareceu, à porta de Raulinho, um senhor fino, muito afável, que perguntou:

(Continua na página 0)



Pão, por Deus

POR MILAU



Nas nossas províncias existem costumes muito antigos, tradições que nunca *passam de moda*.

Uma dessas tradições consiste em, no dia 1 de Novembro, as crianças, de saquiel ao ombro, pedirem, de porta em porta, o «pão, por Deus».

Este peditório constitue uma verdadeira festa para a petizada, talvez pelo atractivo da novidade, talvez pelas variadas gulodices que soboreiam nêsse dia; pois o tal «pão» é constituído por coisas variadíssimas e nos sequiteis juntam-se, quasi sempre: figos, passas, nozes, batata doce, peros, maçãs, etc...

Gosto de tratar com a petizada e de dar o «pão, por Deus» aos pequenitos, todos alegres nos seus fatinhos lavados, e mal podendo já com os saquinhos quasi cheios. Aos mais crescidos não acio graça alguma, porque, a sua participação nêste costume, já sai um pouco fora da Tradição.

Mas a nota enternecedora é dada por alguns pobrezinhos que pedem com a verdadeira ânsia da fome:

«Senhora, dai pão, por Deus!» — e ficam loucos de contentamento se levam fatias de pão mole, barradas de uvada, das quais comem metade, guardando o resto para a mãe, ou para o irmãozinho pequeno que não poudé vir.

Amiguinhas, se, no dia 1 de Novembro, um pobre vos bater à porta, não lhe recuseis a esmola de um bocado de pão. Lembrai-vos de que é esse o dia em que nas aldeias portuguesas — e em algumas vilas se pede de porta em porta, o «pão, por Deus»!

O CESTINHO da COSTURA

SECCAO PARA MENINAS—Por ABELHA MESTRA

ABELHINHAS

Atendendo às pequeninas dimensões do «Cestinho da costura», reproduzimos, hoje, somente o guardanapo a executar e que faz parte dum jogo de taboleiro.

Tôdavia, com o desenho assim ampliado, facilmente poderão compôr e executar, também, o encantador conjunto.

Tanto o guardanapo, como o «napperon» que há-de tapar o taboleiro, devem ser feitos em linho branco e guardanapados, em tôda a volta, com um «picot» trabalhado em «filoselle» azul escura, com agulha de «crochet».

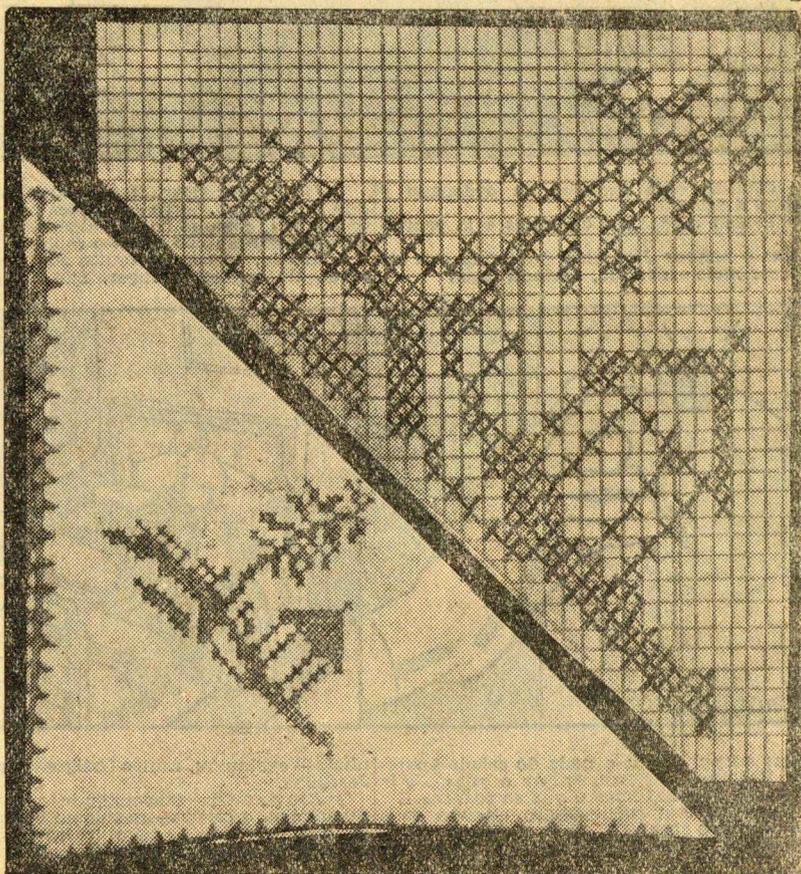
O desenho, em ponto cruz, é applicado num só canto, no guardanapo, e nos quatros cantos do pano de taboleiro, se êste for rectangular, ou dispostos com simetria, se for oval.

Como vêem não precisam do desenho do «napperon», para os vossos olhos realizarem logo o encanto dêste lindo trabalhinho e despertar-lhes o desejo de o fazerem com apetecido interêsse!

O motivo, em ponto cruz, pode ser todo bordado a «filoselle» azul escuro, igual ao «picot», ou com «filoselles» de tons diferentes, misturando assim: encarnado, azul, amarelo, castanho e verde.

Vossa

Abelha Mestreira



O criado do senhor Jeremias

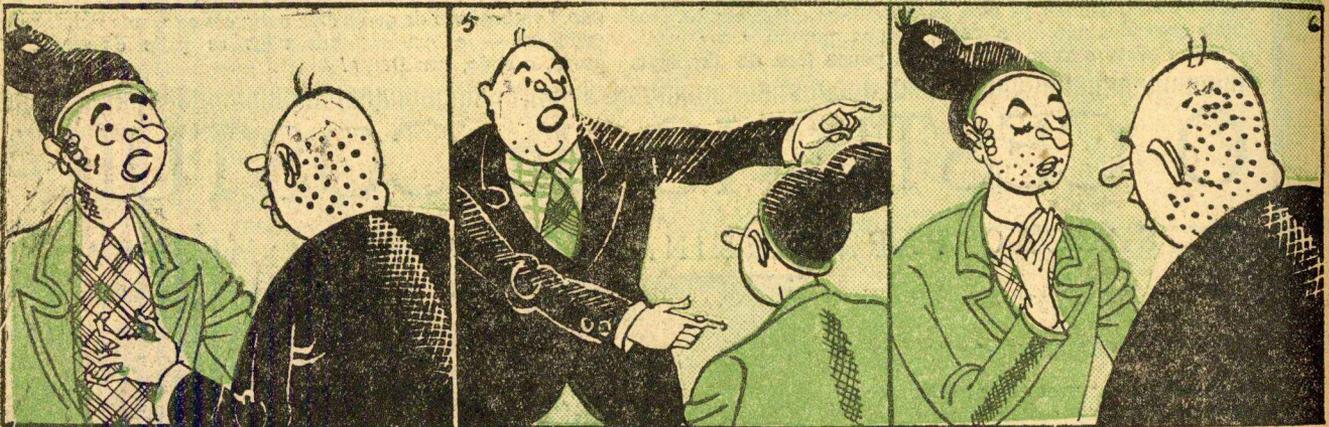
POR IZABEL AREOSA



O senhor Jeremias pôs um anúncio no «Século» para arranjar um criado da província, porque achava que os criados da cidade são uns sabichões que possuem tôdas as manhas para enganarem os patrões. Por isso, o senhor Jeremias dizia que preferia um cria-

do que possuísse a ingenuidade sã das aldeias.
No dia seguinte, apresentaram-se vários criados mas o senhor Jeremias só gostou da cara dum, que era da aldeia de Falo Pires e tinha mesmo um ar de bom aldeão, destes

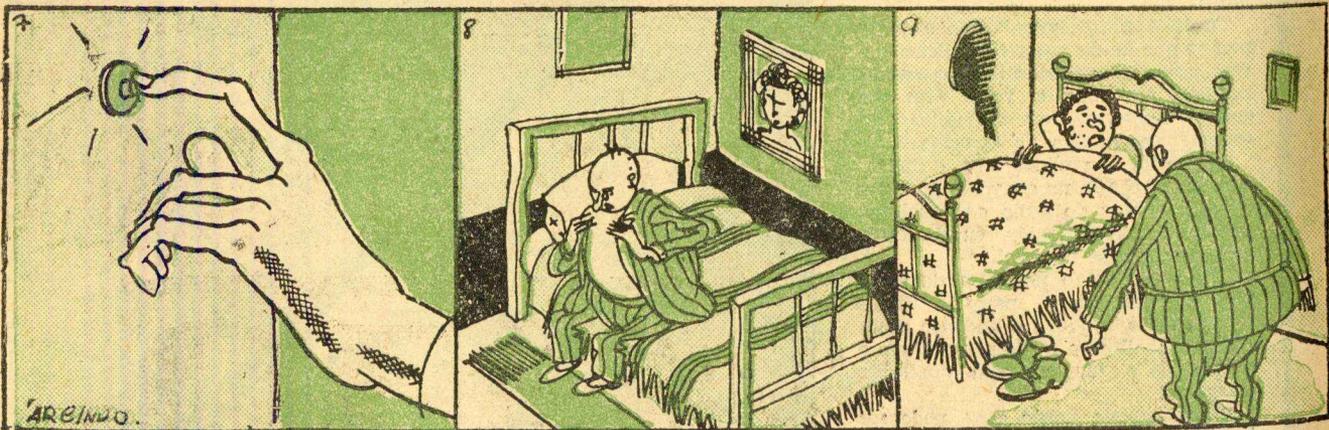
que ainda não possuem a inteligência manhosa dos homens da cidade e são da tal ingenuidade sã, tanto do agrada do senhor Jeremias.
Resolveu, por isso, ajustar êsse e disse-lhe:



— «Dou-te cem escudos de ordenado e visto-te e calço-te».
O aldeão arregalou os olhos e ia protestar...
Mas o senhor Jeremias, julgando que êle ia pedir mais ordenado, atalhou logo:

— «Se queres ficar, ficas nestas condições que já te expuz. Se as condições não te agradam e tens alguma coisa a dizer, então vai-te embora, porque não admito réplicas».
O aldeão, a-pesar de muito admirado, com medo de perder o lugar, não acrescentou

mais nada e disse que ficava ao serviço do senhor Jeremias, porque as condições lhe agradavam até muito.
No dia seguinte, às dez horas, o senhor Jeremias tocou a campainha para chamar o novo criado.



— «Mas tocou, tocou e nada do criado aparecer. Resolveu por isso, enfiar o pijama e ir ao quarto do criado ver o que se passava... Qual não é o seu espanto quando vê o criado muito regalado, ainda na cama».
— «Então, você não ouvia tocar a campai-

nha?» — exclamou, muito indignado, o senhor Jeremias.
— «Ouvi, ouvi — respondeu, com tôda a ingenuidade, o criado — mas como Vossa senhoria me disse que, se eu quizesse ficar, havia de ficar nas condições que Vossa Senhoria me

expoz, eu estava à espera que Vossa Senhoria me viesse vestir e calçar... conforme me disse, quando me esteve a ajustar...»



ORAÇÃO MATINAL

Por GRACIETTE BRANCO

ROSINHA vai para a Escola...
Quando passa, na calçada,
levando ao ombro a sacola
e a trança bem apertada,

é o laçarote arrogante
e o bibezinho de chita,
fica tão interessante,
tão fresquinha, tão bonita,

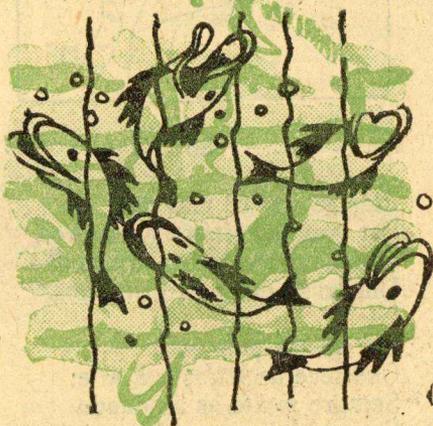
que os passaritos, voando,
ao vê-la assim tão airosa,
parece que vão cantando:
— «Bons dias, menina Rosa!...»



Ela entende o cumprimento,
dá um saltinho, um pinote,
dá um jeito ao laçarote,
sorri de contentamento...

Passa, agora, junto ao lago,
que baloíça e que cintila...
A luz do Sol é um afago
na sua face tranqüila...

Rosinha passa ligeira,
pé aqui, pé acolá...
Deseja ser a primeira
e agora é tão tarde já!...



Mas a sua figurita
é tão fresquinha e engraçada,
de bibezinho de chita,
uma golinha engomada,

sandália côr de castanha,
piúga da mesma côr,
a trança forte e tamanha,
e no olhar certo fulgor

que existe em certas estrêlas,
límpidas, claras, distantes,
como certos diamantes
de formas estranhas, belas...

que os peixinhos encarnados,
ao vê-la assim tão airosa,
dizem, de todos os lados:
«Bons dias, menina Rosa!...»

Ela entende o cumprimento,
dá um saltinho, um pinote,
dá um jeito ao laçarote,
sorri de contentamento...

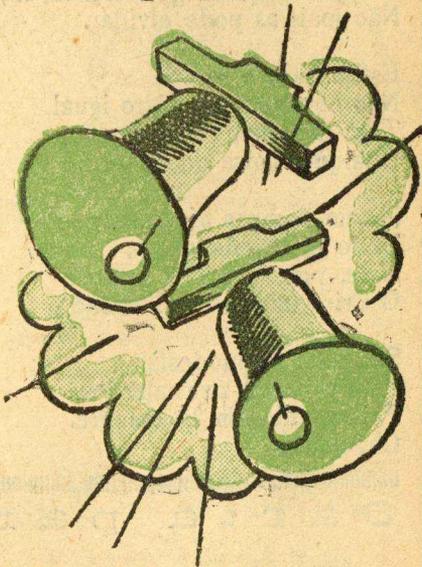
Agora sobe o pinhal...
Côa-se o Sol nas ramadas,
que se agitam, deslumbradas,
pela manhã triunfal!

No solo há camas macias
de carumas generosas;
junto às árvores esguias
vicejam silvestres rosas...

E quando a Rosinha passa,
tão engraçada e ligeira,
com tanta côr, tanta, graça,
levando na mão trigueira,

a fôlha dum malmequer
que ela colheu, ao passar
junto a uma sebe qualquer
que havia em qualquer lugar;

os pinheiros, num momento,
ao vê-la assim, tão airosa,
murmuram na voz do vento:
— «Bons dias, menina Rosa!»



Ela entende o cumprimento...
dá um saltinho, um pinote,
dá um jeito ao laçarote,
sorri de contentamento...

(Continua na pagina 8)

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



85

Padre cheio de bondade
E primoroso escritor,
Escreveu «Nova Floresta»,
«Sermões» e «Luz e Calor»,

«Pão Partido em Pequeninós»
E outras mais obras sem par.
Tão lindas que a gente, lendo-as,
Não mais as pode olvidar.

Estilo doce e sereno
Não encontra um outro igual.
Tem qualquer coisa do céu,
Qualquer coisa de imortal.

E sem pompas ofuscantes,
Tudo só simplicidade;
Nele, porém, brilha sempre
O Cristianismo e a Bondade.

Sua vida foi modesta,
Sem riquezas nem alardes.
Foi nascido em Portalegre.
Chamou-se



86

Fidalgo ilustre mas não
Por grandes efeitos guerreiros,
Pois nem sempre as armas dão
Um lugar entre os primeiros.

Foi ilustre pelo amor
Que teve às letras e à arte;
Sempre muito as ajudando
Com carinho em tôda a parte.

E tanto isso fez, que, um dia,
Ele e Correia da Serra
Fundaram a Academia
Que ainda existe em nossa terra;

Nela juntando os bons homens
Que têm amôr ao estudo
E que por êle de-certo,
Deixariam tudo, tudo.

Não só os feitos guerreiros
Nos dão fama e galardões.
Disto, exemplo bem frisante
E' o



87

Grande poetisa, viveu
No tempo de Tolentino,
De Bocage e de Pombal.
O seu estro peregrino.

Causava assombro profundo
A tôda a gente de então,
E 'inda hoje, mesmo, os seus versos
Estranhos e lindos são.

Na Arcádia chamou-se Alcípe
E pelos nobres salões,
O seu ar altivo e nobre
Era o encanto dos serões.

Inda menina, Pombal
Recolheu-a num convento,
E foi lá que apareceu
O seu famoso talento.

Pois logo pelos «outeiros»
Muito admirada se torna.
Linda, bóa e muito culta
Era a

Carta para o céu (continuado da página 2)

—«E' aqul que costuma ficar um menino, chamado Raul?»

—«Sim, meu senhor. — (respondeu o filho da porteira)

—Vem aí já.»
Pouco depois, Raul apareceu, visivelmente envergonhado.
O senhor sorriu-se, deslumbrado ante a beleza da criança e disse:

—«Venho da parte do Menino Jesus. Ele apareceu-me e

disse que te viesse buscar. De hoje em diante, passarás a ser meu filho.»

Raul ficou maravilhado. O tal senhor, funcionário dos Correios, lera a carta, era rico e, como não tinha filhos, comovera-se com a desdita do pequeno.

E Raul, pouco depois, diante duma árvore do Natal, em casa do bom senhor que o adoptara, agradecia ao Menino Jesus o ter atendido tão bem a sua ingénua cartinha.

Hora de Recreio

Número 23
2.º CAMPIONATO

Secção Charadística

28 OUTUBRO
1 9 3 7

RESULTADOS DO N.º 17 PALAVRAS CRUZADAS

DECIFRAÇÕES

1— *Aviar — raiva*; 2— *ATÓZ — zorra*;
3— *Mais vale um pássaro na mão do
que dois a voar*; 4— *Quem tem telha-
dos de vidro não deve atirar pedradas.*

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 1— *Moreno* — 14 votos
N.º 4— *Adriano Reis* — 13 votos

N.º 2, de «Nélito Arita», 7; n.º 3, de
«Tacos», 6; abstenções, 1.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

António Freire, Tomigas, Al Damiel,
Sob-Chávena, António Pequeno,
Alfredo Matos Boavida, Armando
Jorge, Homem-Sombra, Armandino,
Carlos Figueiredo, Renato R. Paulo,
Vir Bonus, Lula, Tacos, Far, Arman-
do Garcia Félix, Rêgo, Pacatinha,
Maridália, Rex, Adriano Reis, Necas
L. Mano, Martos, Tivorc, Carlos F.
Cotter Moreira e José Quirino Re-
bêlo

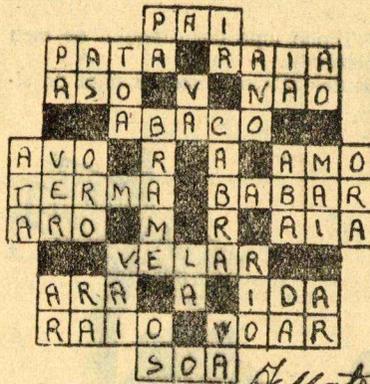
(Totalistas)

QUADRO DE MÉRITO

Jack Homes, Delca, Zé Fernando,
José Antunes Baptista, Maria Alice
Botelho Moniz, Pirolito, D. Bibas,
Manecas & Tonecas, Crisante Ta-
borda, Américo B. Fernandes, Néli-
to Arita e Pipocas, 3; Tino, Jorge
Pereira e A. Matoso, 2

Zé e Recem, 1.

DECIFRAÇÃO DO PROBLEMA N.º 11



DECIFRADORES

Oliveiraribeiro, Nélito Arita, Crisante
Taborda, António Freire, António Pe-
queno, Mário da Silva Fernandes, Al-
fredo Matos Boavida, Armando Jorge,
Homem-Sombra, Armandino, Carlos Fi-
gueiredo, José Antunes Baptista, Rena-
to R. Paulo, Zé Fernandes, Delca, Vir
Bonus, Lula, Tacos, Far, Armando Gar-
cia Félix, Pacatinha, Maridália, Rex,
Adriano Reis, Necas L. Mano, Martos,
Tivorc, José Quirino Rebelo, Zé e Re-
cem.

CHARADAS

SINCOPADAS

1— *Apanha as garrafas, não tenhas
manias!* — 3-2.

Carlos F. Cotter Moreira
(Ao «Joviar»)

2— *Um objecto gasto decerto que
brilha pouco.* — 3-2

Carlos V. Sousa

COMBINADAS

3— 1 + to = *antiga moeda portuguesa*
1 + salho = *grande fatia*
1 + vo = *som agudo*
1 + raz = *«petez»*

Conceito: «Pássaro»

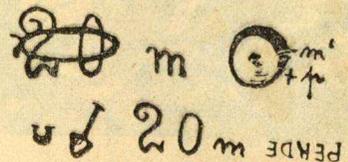
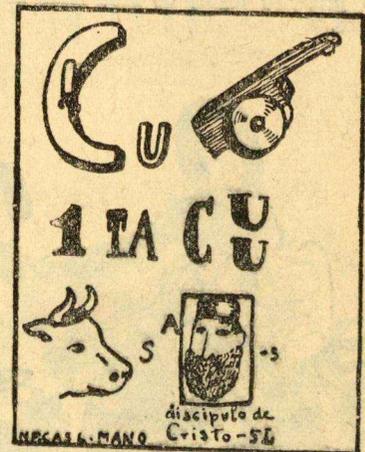
Bonina

4— 1 + co = *sujo*
1 + lipa = *flor liliácea*
1 + go = *«cão»*

Conceito: País europeu

Celso

ENIGMAS PITORESCOS



Armando Jorge

NOÇÕES DE CHARADISMO

CHARADISMO é a arte de fazer e de-
cifrar charadas e outros passatempos
que com ele se relacionem. *Charadista*
é, por conseguinte, todo aquele que se
dedica ao charadismo.

Este não apareceu tal como hoje se
nos apresenta, tendendo, sempre e dia
a dia, para uma constante melhora
e perfeição. Actualmente, e depois de
uma melhorada e escrupulosa selecção,
da parte da grande massa charadística,
e especialmente da parte dos encar-
regados das inúmeras secções de Portu-
gal e Brasil, quasi que se pode dizer
que o número das espécies charadís-
ticas hoje cultivadas é limitado. Há a
acrescentar — e deve ser aqui o ponto
principal da questão — o que, em 1929
a Tertúlia Edípica levou a efeito, para
benefício da «arte charadística»: a
unificação das regras hoje adoptadas
por todos os charadistas.

Dizemos todos, embora notemos, com
pezar, ainda alguns afeitos a velhos cos-
tumes, mesmo entre encarregados de

secções de pequenos jornais e revistas.
Estes acolhem a colaboração daqueles,
sem verificar a falta de observância
das regras estabelecidas e publicando
constantemente trabalhos que, por sua
natureza e feitura, são autênticos botas
de *elástico*.

Deste modo, não podemos considera-
-los charadistas, mas simplesmente in-
tegrá-los no número dos indivíduos que
buscam para seu recreio, a interpreta-
ção de problemas e adivinhas de alma-
naque.

Embora procuremos dar a esta página
uma feição puramente charadística, não
o pudemos fazer tão escrupulosamente
como seria para desejar. Dado o caracte-
r infantil deste suplemento, é de
admitir certas liberdades, quanto às
espécies de trabalhos que publicamos,
não querendo dizer, contudo, que as re-
gras charadísticas sejam desrespeitadas.

As espécies mais em uso são as se-
guintes:

*Charadas novíssimas, sincopadas, me-
tastofélicas, em verso (ou antigas), lo-*

*gogrifos, enigmas em verso, figurados e
pitorescos.*

Em segundo plano, podemos apon-
tar:

*Metagramas, charadas eléctricas, au-
mentativas, biformes, combinadas, sal-
titantes, enigmas tipográficos, etc.*

Conhecemos pelas charadas

NOVISSIMAS

A charada novíssima é constituída
por duas ou mais palavras que, reu-
nidas, dão uma outra que é a deci-
fração. Ex.:

Capa + cidade = capacidade
es + fé + rico = esférico

(Continua)

Américo Taborda

A DOENÇA da CADELINHA

(Continuado da página 1)

Receitou dúzia e meia de remédios, duas dúzias de aplicações eléctricas, e três dúzias de massagens. Pagou-se principescamente e aconselhou-a a voltar, se não melhorasse.

A senhora Cadela retirou-se, muito triste e desanimada. Temeia que a doença de sua filha não tivesse cura. E a pobre cadelinha, impressionada com o diagnóstico, tão depressa fechava a boca, logo a escancarava, convencida de que, na verdade, lhe crescerá a língua e não conseguia arrumá-la onde anteriormente a tinha.

E ao chegar a casa foi acometida dum acesso de choro convulso. Chorou, gritou, esperneou...

Nessa altura, apareceu o doutor Mólho, velho amigo da família, que, ao regressar de longa viagem, vinha ver, em primeiro lugar, os seus mais íntimos.

Ao ouvir os gritos e lamentos da Cadelinha, interrogou:

— Que tens tu, minha amiguinha?

— Ai, doutor! Desta é que morro!...

E, entre soluços, a pobre pequena relatou-lhe o que se passava.

O doutor Mólho puxou os óculos para a testa, afagou carinhosamente as orelhas da Cadelinha e, solícito, indagou:

— Mas, a-final, de que te queixas tu?

— Tenho uma dor... aqui... no meu lombinho!...

Doutor Mólho passou a pata no sí-



tio indicado. E, de súbito, curvou-se, reajustou os óculos e... mergulhou o bico por entre o pelo emaranhado da doente. Quando o retirou, trazia, agarrada, uma grande carraça!...

A-final, a doença da Cadelinha era aquela carraça que, fincada no lombo da pequena, lhe causava a dor que a apoquentava.

E o nervoso na espinha... mais o reumatismo agudo que lhe diziam que tinha...
...E o caso muito bicudo da língua da Cadelinha...

Ficou tudo reduzido — isto tem a sua graça! — ao sinal bem definido, causado pela carraça!...

■ F I M ■

ORAÇÃO MATINAL

(Continuado da página 5)

Meio dia. A Escola, em frente, abre as portas à Rosinha!
A pequenada, contente, para ela se encaminha...

E no alto a voz dos sinos, canta: — Tlim! Tlim! Tlim!
Tlim! Tlão!

Venham todos os meninos para aprender a lição!

E nessa voz a nascer no cimo da torre airosa, a Rosinha ouve dizer: — «Bons dias, menina Rosa!»

Ela entende o cumprimento, dá um saltinho, um pinote,

dá um jeito ao laçarote, sorri de contentamento...

Passa o dia. A noite vem. Rosinha vai para casa, para a casinha da mãe!
Leva o coração em brasa, tão contente e orgulhosa, nem pensa nos cumprimentos dos passarinhos cinzentos nem nos peixes encarnados, nem nos pinheiros dourados nem nos sinos engraçados que a deixavam tão vaidosa...

Vai contente e orgulhosa, porque a voz da professora,

lhe dissera acolhedora: — «Muito bem, menina Rosa!»

